

TEMPO DIFÍCIL

por Mário Soares

O fim da semana passada, desde o feriado do Corpo de Deus, que segundo o Governo vai deixar de ser feriado, nos próximos cinco anos, foi particularmente rico em acontecimentos, não só à escala portuguesa e europeia mas também mundial. Merece um breve inventário.

Relativamente a Portugal, o actual Governo comemorou o seu primeiro ano de existência. A Troika - que nos transformou num protectorado - elogiou o Governo. Pudera. Fez o que a Troika manda e os juros que os mercados especulativos recebem, pelos empréstimos que foram feitos, constituem uma fatia financeira seguramente apetecível...

Quando ao desemprego, que não para de subir, a paralisação da nossa economia e de alguns ministérios, o empobrecimento de parte considerável da população - disso não se fala. Os portugueses são pacientes, como foi dito. Ao que parece, não precisam sequer que lhes expliquem os apertos que lhes são impostos. Ora não creio que seja assim. O desespero é mau conselheiro. E como foi dito pelo próprio Governo, honra lhe seja, o ano de 2013 ainda vai ser pior do que 2012. Não nos admiremos pois que a indignação se manifeste e desça à rua. Talvez quando menos se espera. Há muitos exemplos disso noutros países.

Mas como tenho escrito, diversas vezes, a nossa crise é global e múltipla. Veio dos Estados Unidos e comunicou-se, há mais de dois anos, à União Europeia, que longe de reagir só a agravou. Era de esperar. Os dirigentes europeus que a provocaram - ultra-conservadores e neo-liberais - são os mesmos que alimentam a crise e agora, à última hora, querem evitá-la. Para que a União Europeia não caia no abismo.

Há sinais que esse temor começa a ser real. Espera-se que no próximo dia 17 haja eleições na Grécia e que o resultado não seja catastrófico. A Senhora Merkel, uma vez perdido o seu "amigo" Nicolas Sarkozy, já disse ao seu sucessor François Hollande, que não deixará cair a Grécia. Decisão tardia, mas enfim, se for cumprida, louvável.

Entretanto, no Parlamento grego um deputado neo-nazi (cuidado, estão a aparecer por toda a Europa) esbofeteou em pleno Parlamento, uma deputada comunista, que aliás retorquiu com valentia. Triste sinal de que a Democracia e os Estados de Direito estão a perder terreno... A violência é incompatível com a Democracia.

Grécia, Irlanda, Portugal e Chipre têm vindo a criar preocupações sérias à zona euro. Por não terem sido assistidos a tempo. Mas o pior estava para vir. Veio no Sábado passado, quando os bancos e as Caixas espanholas, com reputação de sérios e seguros, perderam a liquidez, revelando alguns grandes buracos e fraudes. Ora a Espanha não é um país qualquer. Representa a 4ª. economia da zona euro.

Mariano Rajoy, primeiro-ministro eleito pelo PP, fez bem em não pedir o resgate. Pediu auxílio, tão só. Não houve Troika nem medidas forçadas de austeridade. E é a favor dos eurobonds. O presidente do Eurogrupo, Jean-Claude Juncker, cedeu. Ainda bem. Porque atrás de Espanha, vinha necessariamente a Itália. Quem teria mão numa tal situação? A chanceler Merkel, isolada como começa a estar, seguramente que não.

O Presidente Obama, no discurso que recentemente proferiu, revelou que o colapso da Europa teria consequências muito sérias para os Estados Unidos e, obviamente, para a sua reeleição de Novembro.

A China, a segunda grande economia mundial, começou a sentir os efeitos da crise global. E se tornou pública essa situação é porque sabe que a não pode evitar. O Japão, a Índia, Taiwan, a Indonésia e a própria Rússia estão a sentir o mesmo...

A Chanceler Merkel, responsável da crise que hoje aflige toda a Europa devia ter tido outro cuidado, visto provir de um País que no passado recente provocou duas guerras mundiais. Esperemos que faça, como aprendeu na Alemanha de Leste, donde provém, a autocrítica que aí lhe ensinaram...

Noutro artigo falarei de África, do universo muçulmano, de Israel, da Ibero-América, e naturalmente da ONU, que parece estar a desaparecer nas mãos inertes do actual Secretário-Geral.

Ninguém esperava o que nos está a acontecer. O tempo vai muito difícil... O capitalismo de casino e a globalização desregulada, são bombas perigosas que podem explodir em qualquer momento.

Lisboa, 14 de Junho de 2012